

Leandro Surya¹

**O ENSINO DE ARQUEOLOGIA NO MUNDO
PÓS-PANDEMIA: POSSIBILIDADE E
APROXIMAÇÕES COM A PEDAGOGIA
CONTEMPORÂNEA**

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco/UNIVASF.

RESUMO

Neste artigo propomos uma reflexão quanto ao ensino de arqueologia no pós-pandemia trazendo a tutoria como uma metodologia para o ensino/aprendizagem em Arqueologia, visando a diminuição do contato social nas atividades presenciais pós-pandemia nas universidades e consequentes prejuízos a saúde. A proposta envolve o estímulo o uso de metodologias ativas no intuito despertar nos discentes independência, autonomia e espírito crítico em relação aos conteúdos discutidos e trabalhados. Busca também estimular o uso de simulações para as atividades práticas e de campo como escavações e prospecções.

PALAVRAS-CHAVE: Simulação em Arqueologia. Metodologias ativas. Tutoria.

INTRODUÇÃO:

O cenário atual vivido por docentes, discentes, técnicos e terceirizados nas universidades brasileiras é preocupante. Considerando a pressão política do governo, como pensar o retorno as atividades de ensino, pesquisa e extensão num ambiente pós-pandemia? Nas instituições de ensino públicas a situação é mais grave ainda, devido principalmente a redução dos investimentos fruto de medidas como a PEC55 (Brasil, 2016) e a Lei Orçamentária Anual (Brasil, 2020). O reflexo esperado dos baixos valores direcionados a educação é a falta de preparo para uma retomada das atividades presenciais, que poderá ocorrer seja na falta de equipamentos de proteção individual (EPI), ou na falta de instrumentos de suporte tecnológico que proporcionem a continuidade das atividades em isolamento social, dentre outros.

Uma volta às aulas na pós-pandemia significa a aglomeração de pessoas nas salas, laboratórios, nos meios de transportes e inevitavelmente suscita a questão: iremos continuar nosso trabalho normalmente? Como vamos proceder? Entendendo que uma resposta positiva traria contaminações e agravaria ainda mais a saúde pública brasileira e principalmente colocaria em risco as vidas de todos os atores envolvidos. Neste sentido, buscar soluções e adequações torna-se mais que uma obrigação, mas sim parte das responsabilidades dos docentes envolvidos nas graduações de ensino de Arqueologia.

A exemplo dos discentes em Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF - que em sua maioria possuem um baixo poder aquisitivo e carecem por diversas vezes de acesso em suas moradias de internet e computadores, tomar a educação a distância como alternativa não representa algo viável, devido a falta de investimento. Portanto, não trataremos desta modalidade, mas apresentamos uma outra visão, na qual, os prejuízos referentes ao contato social podem ser amenizados.

Propomos adotar um modelo de tutoria acadêmica como uma metodologia de ensino/aprendizagem para o momento pós-pandemia.

TUTORIA EM ARQUEOLOGIA:

Para Beltran (1996) a aprendizagem deverá ser um processo ativo, cognitivo, construtivo, significativo, mediado e auto-regulado. Não é possível aceitar o papel do ensino superior como um mero adicionador de conhecimentos teóricos e científicos. O modelo no qual os discentes são considerados como tábulas rasas, verdadeiras folhas de “papel em branco”, no qual poderiam ser gravadas as qualidades necessárias para tornarem-se arqueólogos ideais não possui mais espaço. Também não é possível pensar a adoção do ensino como uma educação bancária, nos termos de Paulo Freire (Brighente, Mesquita; 2016), no qual os discentes são

figuras passivas e os docentes são os detentores do conhecimento. É neste contexto que Simão et al. (2002) destaca a necessidade de repensar os modelos de organização curricular dos cursos e das metodologias de ensino.

A tutoria na educação superior pode assumir diversas perspectivas, Carasco Embuena e Lapeña Pérez (2005) afirmam que é possível encontrar nas diferentes concepções um conjunto de características comuns, sintetizadas da seguinte maneira: a) a tutoria é uma ação de orientação que visa promover e facilitar o desenvolvimento integrado de estudantes, nas suas dimensões intelectual, afetiva, pessoal e social; b) a tutoria é uma tarefa docente que personaliza a educação universitária mediante um acompanhamento individualizado, que facilita aos estudantes a construção e o amadurecimento dos seus conhecimentos e atitudes, ajudando-os na planificação e no desenvolvimento do itinerário acadêmico; c) a tutoria é uma ação que permite a integração ativa e a preparação do estudante na instituição universitária, canalizando e dinamizando suas relações com os diferentes serviços (administrativos, docentes, organizativos, etc.), garantindo o uso adequado e a rendibilidade dos diferentes recursos que a instituição proporciona.

A escolha do modelo adotado para a tutoria deverá ser justificado para dar resposta às necessidades diagnosticadas junto aos estudantes. Entre os modelos aplicados pelo mundo o *mentoring*, ou *peer mentoring*, a tutoria curricular e a tutoria acadêmica ou formativa podem ser indicadas como adequadas ao ensino em Arqueologia por possuírem características estimuladoras em atividades envolvendo aprendizagem e desenvolvimento em equipe.

A tutoria em Arqueologia deve ser pensada em termos de metodologias ativas de ensino, estas podem ser consideradas como um conjunto de práticas que envolvem diferentes métodos e técnicas que servem como estratégias de ensino e aprendizagem nas quais os princípios norteadores consideram o sujeito como ativo na construção do conhecimento, em oposição a receber passivamente o conhecimento pronto (Deelman; Hoeberigs, 2009, Almeida, 2018).

Glasser (2001) ao propor a Teoria da Escolha aponta que podemos fazer escolhas satisfatórias, por piores que sejam as circunstâncias, por mais desanimadora que seja a nossa situação, por mais desastroso que o efeito da pandemia tenha sido em nossas vidas.

Consequentemente as frustrações envolvendo um retorno próximo às atividades presenciais podem ser analisados sob esta ótica, segundo a qual nenhum ser humano é totalmente desmotivado; ninguém, no fundo, deseja o seu próprio fracasso. E no caso da tutoria o docente atua como um guia para o aluno e não um chefe. Glasser (2001) explica que não se deve trabalhar apenas com a memorização, pois a maioria dos discentes simplesmente esquecem os conceitos após a aula. Em vez disso, sugere o aprendizado motivado efetivamente na prática.

A tutoria proposta envolve a desfragmentação do modelo tradicional de disciplina, promovendo uma integração dos componentes ofertados nas diferentes materias. A ideia é que os processos de integração dos conteúdos sempre sigam o período de oferta. Então, os discentes do primeiro período, por exemplo, seriam separados em pequenos grupos de até cinco estudantes e cada um destes grupo receberia a tutoria com um único docente. Para cada período ofertado novos grupos de tutoria seriam formados, inclusive grupos especiais para aqueles discentes desperiodizados. No caso do curso de arqueologia da UNIVASF onde as turmas são ofertadas com 40 vagas em 4 períodos por semestre, os docentes ficam com a média de 11 discentes para tutoriar.

A figura do tutor é responsável por guiar o processo de construção dos estudantes, por meio da aplicação semanal de roteiros de estudo, estudos de caso e resoluções de problemas a cada grupo tutoriado. Estes instrumentos são produzidos em conjuntos pelos docentes englobando os conteúdos constantes nos planos das disciplinas aprovados pelo Núcleo Docente Estruturante do curso – NDE.

Durante a tutoria o docente acompanha, tira dúvidas, orienta, indica literatura, corrige exercícios, coordena, promove. Os discentes tutoriados fazem as leituras recomendadas, discutem entre si, tiram dúvidas entre pares e constroem produtos. O tutor retoma os resultados ao grupo e realiza a síntese dos conhecimentos estudados. Do grupo de discentes é esperado a apropriação dos conteúdos, a autonomia e apropriação do conhecimento e suas conexões.

As metodologias avaliativas também são modificadas, deixam-se de lado as provas tradicionais e passa-se a discutir a atuação do discente dentro do grupo, como respondeu as tutorias e devido a proximidade durante todo o processo se realmente foi capaz de acompanhar e compreender os conteúdos. Discussões entre os docentes sobre o feedback dos discentes durante as tutorias são recomendados como prática do processo de formação de uma nota ou conceito.

Para as disciplinas com os conteúdos práticos como escavações ou prospecções a alternativa sugerido para esse momento a Simulação em Arqueologia. No caso da escavação, em um momento anterior a pandemia, foi construído para uma das disciplinas um sítio escola simulado no próprio campus. O sítio tinha uma área de 6 x 5 metros, com a profundidade de 1,5 metros. Neste espaço foram criadas diversas camadas diferenciando sedimentos e materiais, nos quais foi possível, durante a escavação discutir e observar as relações entre os contextos arqueológicos, como por exemplo qual era mais antigo que outro, qual era mais recente ou contemporâneo. Permitindo, desta forma, a experimentação mecânica e cognitiva das decapagens em diversas situações previstas como uma fogueira com restos orgânicos, diferentes pisos de ocupação com materiais líticos e cerâmicos, além de materiais históricos como moedas e diferentes tipos de vidros. O resultado foi, por parte dos discentes, a interpretação dos contextos e a associa-

ção dos materiais com práticas como a caça e cultivo de plantas, e a intensificação da ocupação da área.

A escavação simulada pode ser entendida como complemento ao processo de formação dos arqueólogos em tempos comuns, mas num momento de pós-pandemia deve ser entendida como ferramenta de controle associada a tutoria, pois o sítio simulado pode ser reestruturado, readequado, melhorado e reescavado por novos grupos.

Também num momento anterior a pandemia ocorreu um experimento de prospecção simulada numa área não construída do campus Serra da Capivara. Foram estudados cerca de 18 hectares, no qual os discentes produziram, a partir de diferentes metodologias de prospecção, um conjunto de mapas e croquis contendo o detalhamento da área estudada em termos do relevo, vegetação e identificação de “materiais arqueológicos”. Esta alternativa, pode evitar o contato do grupo tutoriado com a população em geral, prevenindo a dispersão e contaminação com o vírus da Covid-19.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES:

É no contexto pós-pandemia que enfrentaremos que a tutoria poderá assumir particular importância se considerarmos as potencialidades enquanto prática pedagógica agregadora de saberes para o modelo acadêmico diverso que a graduação em Arqueologia possui por todo o país.

Práticas e inversão de valores pedagógicos tradicionais podem e devem ser modificados, mesmo que por experimentação, principalmente se significar um esforço para a melhoria da formação do arqueólogo num contexto de redução de riscos a saúde.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Vera Lúcia Carneiro de. **A (re)construção dos saberes dos professores bacharéis e o uso de metodologias ativas na Universidade Federal de Sergipe em Lagarto**. São Cristóvão, 2018. 244 f. : il.

BELTRAN, J. Concepto, desarrollo y tendencias actuales de la Psicología de la instrucción. In J. Beltran & C. Genovard (eds.), **Psicología de la instrucción: variables y procesos básicos**. Vol 1. Madrid: Síntesis/Psicología, pp. 19-86, 1996.

BRASIL. Emenda Constitucional nº 95. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 16 jun. 2016. Edição 241. Seção 1, p.2.

BRASIL. PORTARIA No 5.509, DE 21 DE FEVEREIRO DE 2020. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 22 de fev. 2020. Edição 38. Seção 1, p. 14.

BRIGHENTE, Miriam Furlan. MESQUITA, Peri. Paulo Freire: da denúncia da educação bancária ao anúncio de uma pedagogia libertadora. *Pro-Posições*. v. 27, n.1 (79), p.155-177, 2016.

CARRASCO EMBUENA; V. LAPEÑA PÉREZ, C. **La Acción Tutorial en la Universidad de Alicante. Investigar el diseño curricular**: redes de docencia en el Espacio Europeo de Educación Superior. Vol. 2. Alicante: Universidade de Alicante, pp. 329-358, 2005.

DEELMAN, A.; HOEBERIGS, B. **A ABP no contexto da universidade de Maastricht**. In: ARAÚJO, U. F.; SASTRE, G. (Orgs.). *Aprendizagem Baseada em Problemas no Ensino Superior*. São Paulo: Summus, 2009.

GLASSER, W. **Teoria da Escolha**: uma nova psicologia de liberdade pessoal. São Paulo: Mercuryo, 2001.

RUSSELL, William III. **Excavating the Past**: An Archaeology Simulation for the Elementary Classroom. *The Councilor: A Journal of the Social Studies*: Vol. 75 : No. 2, 2014. Disponível em: http://thekeep.eiu.edu/the_councilor/vol75/iss2/7

SIMÃO, J. V.; SANTOS, S. M. & COSTA, A. **Ensino Superior**: uma visão para a próxima década. Lisboa: Gradiva, 2002.